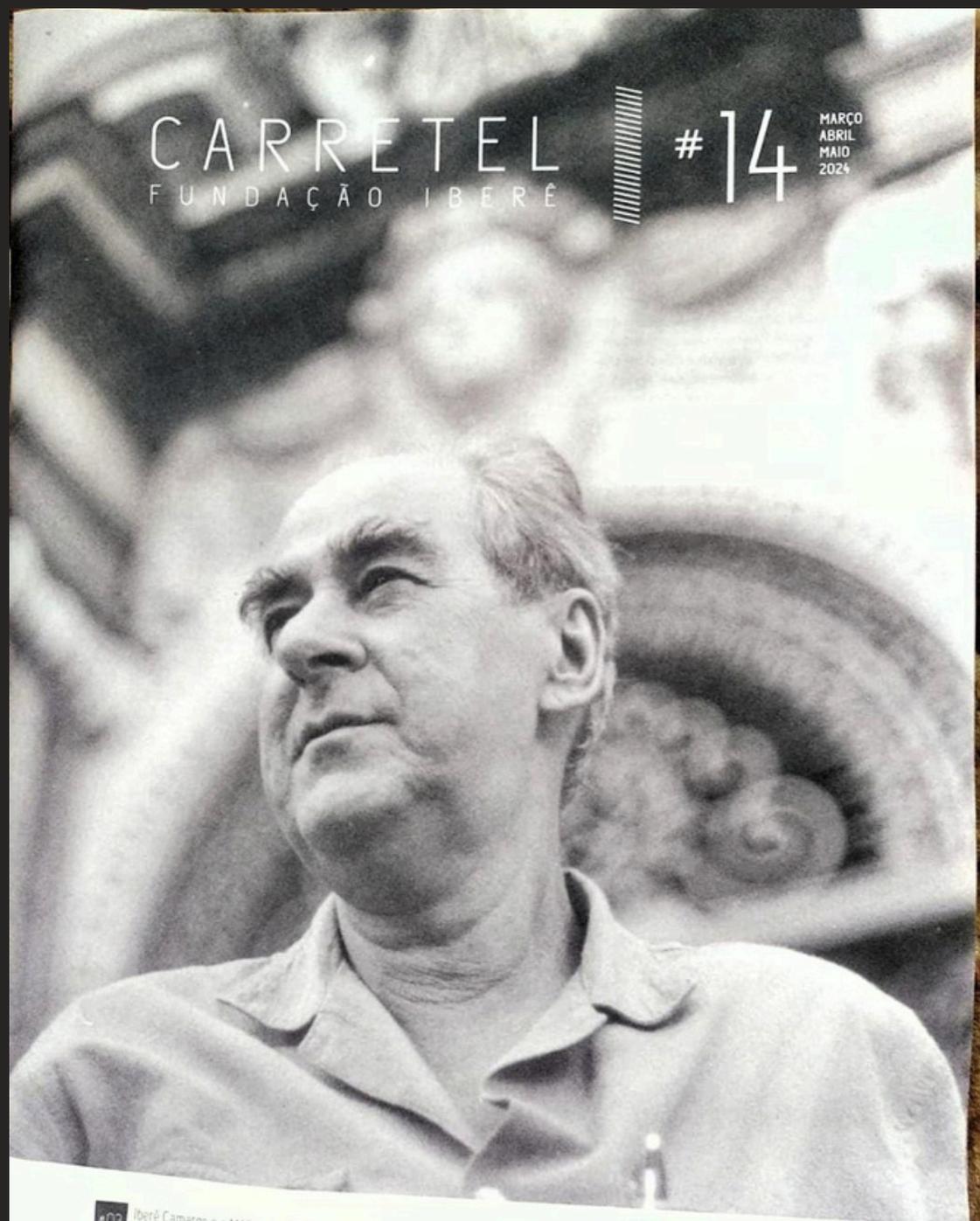


CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÉ



14

MARÇO
ABRIL
MAIO
2024



•03 Iberé Camargo e o MARGS
70 anos de história

•10 Carlos Vergara
Poética da exuberância

•16 Paulo Pasta
Para que teve uma pintura

+ • Coleção Luz Carlos Ritter
• O Balanco de Lusiano Magalhães

Iberê pela fotógrafa Dulce Helfer



Foto: Dulce Helfer

A minha amizade com Iberê Camargo começou em 1985, quando fui fotografá-lo em sua casa/ateliê na rua Lopo Gonçalves, na Cidade Baixa, que também é meu bairro. Depois disso, nos encontramos algumas vezes na rua, em eventos e, seguidamente, na casa dele. Como eu andava sempre com equipamento, era natural que fizesse fotos dele – naquela época se usava negativo e muita coisa se perdeu.

Não foi uma amizade tão próxima como tive com Mario Quintana, Rubem Braga e Belchior, mas tínhamos os mesmos interesses e a mesma personalidade. Iberê sempre foi uma pessoa muito direta, assim como eu. No meu caso, essa forma de lidar com a vida pode ser um defeito, mas para ele não. A sua pintura era explícita, espelhava sua personalidade forte. Era assim que nos entendíamos. E brincávamos também.

Com ou sem dedicatória?

Iberê queria muito que eu lhe desse uma foto que tirei, em sua opinião, a melhor que fizemos dele. Como eu trabalhava no Zero Hora e estava envolvida em outros projetos, fotografando para artistas, espetáculos e livros, fui deixando esse pedido de Iberê em segundo plano. Até que um dia ele me convidou para jantar em sua nova casa, no bairro Nonoai, e pediu que eu levasse a tal foto (página ao lado). levei ampliada e, em troca, ele me deu uma obra e perguntou se queria que escrevesse uma dedicatória, uma vez que estava com câncer e iria morrer.

Ele disse:

– Se eu escrever uma dedicatória, depois tu vais querer vender e ninguém vai querer comprar porque está com teu nome.

E eu respondi brincando:

– Iberê, depois que tu morreres, esta dedicatória valerá o dobro.

Nesse dia – nunca irei esquecer –, Iberê também me deu uma bronca. Eu tenho o costume muito ruim, reconheço, de enrolar todo o papel que tenho em mãos. E eu enrolei o presente de Iberê.

– Dulce, tu estás enrolando minha obra?

Hoje, quando olho a pintura com dedicatória, rio da bronca.

A dor de Iberê

Em 1992, fotografei Iberê pintando a série *O homem da flor na boca – Um ato de amor à vida* e, em várias partes do processo, o vi chorando. Tenho, inclusive, uma foto dele com as mãos nos olhos enquanto pintava o ator Manoel Aranha (acima). Iberê já estava acometido pelo câncer, e Manoel com AIDS.

Essa vulnerabilidade de Iberê na foto de *O homem da flor na boca* mostra que ele não era uma pessoa “dura”, como muitos imaginavam. A obra de Iberê é paixão, é uma explosão de sentimentos. Iberê era um homem e um artista de uma imensa sensibilidade, e essa sua natureza foi eternizada.

Sobre “O homem da flor na boca”

– Um ato de amor à vida

Em novembro de 1992, Iberê Camargo inicia uma série de guaches a partir da peça *O homem da flor na boca*, de Luigi Pirandello, em cartaz em Porto Alegre naquele momento. As obras, expostas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, são colocadas à venda em benefício da campanha de prevenção à AIDS “Um Ato de Amor à Vida”, lançada pelo protagonista da peça, Manoel Aranha. Os atores transformaram-se em modelos, enquanto representavam no ateliê de Iberê. As cenas também foram gravadas em filme e integram o curta-

metragem *Presságio*, dirigido por Renato Falcão e concluído em 1992.

Luigi Pirandello (1867-1936), escritor e dramaturgo italiano, escreveu *O Homem da flor na boca* em 1923. O conto em forma de cena teatral, num ato, narra a história de um homem que se encontra numa situação limite e, a partir daí, passa a ficar mais atento às situações prosaicas do cotidiano. ■

